



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

SOBRE A ANGÚSTIA: ENTRE LITERATURA FANTÁSTICA E
PSICANÁLISE

WILLEY PEREIRA DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE – PB

2017

WILLEY PEREIRA DOS SANTOS

Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Psicólogo, sob orientação do Professor Mestre Francisco Felipe Paiva Fernandes.

CAMPINA GRANDE – PB

2017

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

S237s

Santos, Willey Pereira dos.

Sobre a angústia: entre literatura fantástica e psicanálise/ Willey Pereira dos Santos. – Campina Grande, PB: O autor, 2017.

20 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Francisco Felipe Paiva Fernandes, Me.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Literatura Fantástica. 2.Psicanálise. 3.Estranho. 4.Angústia. I. Fernandes, Francisco Felipe Paiva. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2: 821.134.3 2 (813.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

CURSO DE PSICOLOGIA
ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2017.1)

As 15 horas do dia 28 de Agosto de 2017 reuniu-se no(a)
Auditorio I do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal
de Campina Grande, a Comissão Julgadora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
Sobre a Ansiedade: Efeitos Literários e Psicanalíticos

da(o) aluna(o) Willey Pereira dos Santos, composta pelos professores
Francisco Felipe Lima Fernandes (Orientador), Edson da Silva Cavalcante
Francisco Cláudio Silva para a sessão de defesa pública

do citado trabalho, requisito para a obtenção do Grau de Graduação do curso de Psicologia. Abrindo a
sessão o(a) orientador(a), após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho
de Conclusão de Curso, passou a palavra ao discente para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a
arguição pelos membros da Comissão Julgadora e respectiva defesa do graduado. Nesta ocasião
Foram (foram/não foram) solicitadas correções no texto escrito. Logo após, a Comissão se reuniu,
sem a presença do aluno e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A(o) aluna(o) foi
considerada(o) Aprovado, por unanimidade, pelos membros da Comissão Julgadora,
tendo sido atribuído a nota 100 ao seu TCC. O resultado foi então comunicado publicamente a(o)
aluna(o) pela(o) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a(o) Presidente da Comissão Julgadora
deu por encerrado o julgamento que tem por conteúdo o teor desta Ata que, após lida e em conformidade
com as exigências da defesa, será assinada por todos os membros da Comissão para fins de produção de
seus efeitos legais.

Campina Grande, 28 de agosto de 2017.

Orientador(a)

Examinador(a)

Examinador(a)

À dona Licô, minha avó

AGRADECIMENTOS

Agradecer nunca será o suficiente, mas já representa algo. Não poderia começar este ponto sem pôr em primeiro lugar dona Rosângela, minha mãe, e Geraldo, meu pai, por toda a dedicação, por todas abdicações e por acreditar nas minhas escolhas. A Larissa, minha irmã querida. Agradecer a toda a minha família na figura de tia Lurdinha.

A Elizandra, minha companheira, pelo apoio dia-a-dia.

A Sophia, minha filha, pelos sorrisos matinais que alegam minha vida.

Aos queridos amigos Anderson, Enio, Trajano, Maurício, Aquiles e outras que se fizeram de família quando cheguei a essas terras gélidas.

A Betânia Amorim pelas grandes experiências que proporcionou na minha formação. Angelo Xavier e Edmundo Gaudêncio pelas conversas de corredor.

A LIAS-ME pela oportunidade de fazer parte de algo grandioso.

A meu amigo e orientador Felipe Paiva pela atenção e paciência durante estes anos nessa indústria vital da brodagem.

RESUMO

A psicanálise e a literatura desde sempre desenvolveram uma relação específica, seja na compreensão de casos clínicos, seja na interpretação de obras literárias. Essa relação amplia-se para outros autores e pesquisadores da teoria psicanalítica enfatizando a conexão existente entre ambos. A partir do conceito de angústia proposto por Lacan, nossa proposta baseia-se num trabalho teórico que, percorre a relação existente entre duas perspectivas sobre o fenômeno do estranho, usando como base a teoria de Tzvetan Todorov sobre a literatura fantástica e o conceito de angústia em Lacan desenvolvido a partir do estranho em Freud. Todorov traz, no mínimo, quatro definições para o conceito de fantástico na literatura, as quais são o estranho puro, o fantástico estranho; o fantástico maravilhoso e o maravilhoso puro, assim emergindo desses conceitos a questão do irrepresentável na literatura fantástica, umas das peças chaves para a compreensão da angústia na literatura. Temos por objetivo propor que a relação entre literatura fantástica e a experiência da angústia dar-se-á a partir de uma homologia. Portanto, partimos da definição do estranho proposto por Freud bem como a proposta por Todorov permitindo-nos aproximar a narrativa da literatura fantástica e o conceito de fantasma, desse modo, definindo o conceito de angústia em Lacan. Assim, uma homologia relacionando os três registros real, simbólico e imaginário, definindo a angústia enquanto perturbação das relações imaginárias, se faz presente na relação existente com a narrativa literária. A partir disso, a literatura fantástica está mais propensa a abrir caminhos para uma reflexão pertinente a respeito da angústia destacando o aspecto social da literatura.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Psicanálise; Estranho; Angústia.

ABSTRACT

Psychoanalysis and literature have always developed a specific relationship whether in the understanding of clinical cases or in the interpretation of literary works. This relationship extends to other authors and researchers of psychoanalytic theory emphasizing the connection existing between both. Based on the concept of anguish proposed by Lacan, our proposal is based on a theoretical work that traces the relationship between two perspectives on the phenomenon of the uncanny, using as basis the theory of Tzvetan Todorov on fantastic literature and the concept of anguish in Lacan developed from the stranger in Freud. Todorov brings at least four definitions for the concept of fantastic in literature, which are the pure stranger, the fantastic stranger; the wonderful fantastic and the marvelous pure, thus emerging from these concepts the question of the unrepresentable in fantastic literature, one of the key pieces for understanding the anguish in literature. We propose, then, to propose that the relation between fantastic literature and the experience of anguish will be based on a homology. Therefore, we start from the definition of the uncanny proposed by Freud as well as the proposal by Todorov allowing us to approach the narrative of the fantastic literature and the concept of ghost, thus defining the concept of anguish in Lacan. Thus, a homology relating the three real, symbolic and imaginary registers defining anguish as a disturbance of the imaginary relations is present in the relation existing with the literary narrative. From this, the fantastic literature is more prone to pave the way for a pertinent reflection on the anguish highlighting the social aspect of literature.

Keywords: Fantastic literature; Psychoanalysis; Uncanny; Anguish.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PRIMEIRO ATO: HOFFMANN E FREUD.....	10
SEGUNDO ATO: LITERATURA FANTÁSTICA E PSICANÁLISE...	13
TERCEIRO ATO: SOBRE A ANGÚSTIA.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ÚLTIMO ATO?.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

A psicanálise sempre manteve uma relação muito próxima com a literatura. Esta proximidade é resultante da forma com a qual a psicanálise se serve dos textos literários para corroborar reflexões no campo de sua prática clínica. Não obstante, é utilizando dessa relação que tomamos como objeto de análise a angústia. Para isso, destacamos que este texto consiste de um trabalho de caráter teórico que, a partir de aproximações entre os campos clínico e a literatura, temos por objetivo traçar uma relação entre a estrutura narrativa da literatura fantástica com a experiência da angústia proposta por Lacan.

No campo da literatura, o fenômeno do estranho, está localizado no gênero literário denominado de literatura fantástica que, tem por definição, uma obra que trata de elementos não reconhecidos na ordem da realidade. Este gênero, difundido no século XIX, surge como resposta ao pensamento iluminista em que se exaltava a razão como qualidade máxima do ser humano. Com efeito, a literatura fantástica traz para o leitor a reflexão acerca do real e irreal de forma que um não se reduza ao outro.

Ela se divide em quatro sub-gêneros que, diante do objetivo de pensar a relação entre a experiência da angústia e literatura fantástica, interessará apenas o sub-gênero do estranho. Logo, partimos das elaborações de Freud sobre o fenômeno do estranho ancoradas na obra *O Homem de Areia* do escritor alemão E. T. A. Hoffmann, no qual chega à conclusão que a literatura seria muito mais fértil em elementos para pensar o estranho em comparação com a vida real.

Percorremos, então o conceito de estranho proposto por Freud para em seguida incorporarmos ao debate o mesmo proposto por Todorov o que nos permiti delimitar um relação homóloga entre a estrutura da narrativa com a noção fantasma, alicerce para a definição de angústia em Lacan que colocada em debate no terceiro momento.

Assim, a partir dos registros Real, Simbólico e Imaginário e da definição de angústia enquanto perturbação das relações imaginárias, propomos que a relação entre literatura fantástica e a experiência da angústia dar-se-á a partir de uma homologia. Esta relação se estabelece a partir da narrativa pois ela seria equivalente ao conceito de fantasma, a relação entre herói e leitor seria de ordem imaginária, a estrutura da narrativa como simbólico e o estranho (angústia) como real. Portanto, a literatura fantástica se

apresenta como essencial na sua relação com a psicanálise pois a partir dela é possível representar aquilo que é irrepresentável na vida real.

PRIMEIRO ATO: HOFFMANN E FREUD.

O *Homem de Areia* do escritor alemão E. T. A. Hoffmann adentra aos textos de Freud após um século de sua primeira publicação em 1816. Na obra o autor trata de nos apresentar os acontecimentos vivenciados por Nathanael, os quais, no relato do personagem são oriundos do que, ainda quando criança, vivenciou em seu seio familiar. Sua mãe na atitude de manda-lo ir dormir fala de um certo homem de areia. A suposta existência de tal homem é posteriormente reforçada com detalhes por sua governanta ao descrevê-lo como sendo um homem que “joga punhados de areia em seus olhos, que tombam ensanguentados, e os apanha, os enfia numa bolsa, e os carrega para a lua para alimentar seus netinhos” (Hoffmann, 1985, p. 9). Desde então, o pequeno Nathanael aguarda com pavor e angustia o dia em que o Homem de Areia iria surgir em sua casa. Acontece que seu pai recebia visitas frequentes de um senhor advogado conhecido como Coppelius que certo dia, junto de seu pai próximo uma lareira em chamas, Nathanael é descoberto espionando o que o velho Coppelius e seu pai faziam. Descoberta sua presença, o agarra pelos braços e ameaça arrancar-lhe os olhos com brasa quente, sendo isto impedido a pedido de seu pai. A imagem horripilante e o comportamento de arrancar os olhos faz com que Nathanael tenha uma convulsão.

Ao passar dos dias, seu pai recebe uma nova visita de Coppelius. Na ocasião, os dois recolhem-se ao escritório. Na mesma noite Nathanael, do seu quarto, escuta uma explosão e corre para saber o que havia acontecido e depara-se com seu pai morto e Coppelius dado como fugido da cena.

Já adulto, Nathanael é surpreendido por um vendedor de barômetros chamado Coppola. Logo em seguida ao vender a Nathanael uma lutena o mesmo é depois reconhecido por Nathanael como sendo o velho Coppelius, suposto assassino de seu pai a quem um dia quis arrancar-lhe os olhos. Isso lhe produz uma angustia tendo que curar-

se de uma doença junto de sua amada, Clara. Ao retornar de seu tratamento, Nathanael conhece, vendo-a pela luneta comprada a Coppola, a filha de seu professor Spalanzani, Olímpia, “a quem esconde com tanto cuidado que ninguém se aproxima dela” (Hoffmann, 1985, p. 17) e logo apaixona-se ferozmente pela misteriosa moça.

Porém, um certo dia ao ver Coppola a brigar com Spalanzani, Nathanael descobre que sua amada Olímpia é na verdade um autômato a qual Coppola o arranca dos braços do professor e Nathanael sob estado imóvel reconhece o corpo como sendo o de Olímpia e aos gritos escuta Spalanzani dizer “Os mecanismos, a linguagem, o andar, é tudo meu! Os olhos, os olhos é que roubei dele. ” (Hoffmann, 1985, p. 32). Nesse momento Nathanael vê, então, dois olhos ensanguentados no chão. Eram os olhos de Olímpia, sua amada.

Após um súbito ataque na tentativa de matar o professor Spalanzani, Nathanael é tratado e retorna para sua noiva Clara, com quem, um belo dia, do topo de uma torre sineira, Nathanael com sua luneta, avista Coppelius e num surto imediato começa a gritar “boneca de madeira gira, gira! Boneca de madeira, gira! ”; “roda de fogo gira, gira! Roda de fogo gira, gira! ”. Tenta matar Clara, sem sucesso, logo depois atira-se do alto tendo sua cabeça estourada ao chegar no solo.

Este pequeno resumo trata dos principais pontos de articulação da tese defendida por Freud ao analisar o conto *O Homem de Areia* pois que, se para Freud, Goethe tenha tocado de uma outra maneira em certos pontos identificados e defendidos pela psicanálise a respeito da experiência do sujeito, “Hoffmann é o mestre incomparável do estranho na literatura” (FREUD, 1996, p. VER). O texto “O estranho” publicado em 1919 trata de uma questão central para a psicanálise “como o inconsciente, esse ‘íntimo estranho’ que nos habita, consegue retornar e manifestar-se em nossa vida normal cotidiana? ” (MANGO, 2013, p. 86).

Ao deter-se sob uma extensa pesquisa em torno do termo “*unheimlich*” que na tradução convencional teríamos por equivalente o conceito de “estranho”, o termo alemão seria “específico da linguagem, embutido na relação íntima, porém estranha, que o homem tem consigo mesmo” (MANGO, 2013, p. 87). Isso parte de seu entendimento de que Hoffmann tenha sido o escritor que mais tenha tido êxito na criação de efeitos estranhos. Essa característica expressa na obra do autor abre possibilidades para a investigação de como o o estranho na literatura articula-se de forma semelhante com

inquietante (nota de rodapé aqui) experiência cotidiana do estranhamento. Para tal, o ponto de partida é justamente o efeito de estranheza diante de um acontecimento ou objeto.

Na obra do escritor alemão, Freud (1996) irá tomar como elemento fundamental de sua análise não pura e simplesmente a distinção entre o que é real ou fantasioso na narrativa de *O Homem de Areia*, mas sim, perceber do ponto de vista psicanalítico a natureza do efeito estranho¹ causado pela obra. Isso faz com que Freud tome como cerne de sua análise, não simplesmente o caráter fantasioso do autômato Olímpia, mas sim, o medo de Nathanael em perder os olhos. Esse percurso de análise proposta faz com que, na narrativa, o advogado Coppelius e o vendedor Coppola sejam eles, em síntese, uma única e mesma figura, o próprio Homem de Areia (Mango, 2013). É importante frisar pois ele torna-se um ponto nodal em sua análise.

Freud traz da experiência psicanalítica que o medo de perder os olhos, órgão fundamental da senso-percepção, não esteja inclinado simplesmente para o ponto de vista funcional, mas sim, um substituto para o temor da castração (FREUD, 1996). Essa afirmação compõe sua primeira hipótese na interpretação do fenômeno do estranho, a qual Freud a localiza ainda no campo da incerteza já que seria, para ele, uma atitude em que “arriscar-nos-emos, portanto, a referir o estranho efeito do Homem da Areia à ansiedade pertencente ao complexo de castração da infância” (FREUD, 1996, p. 250) em que se situa sempre em um contexto de perda: a morte do pai, a descoberta de Olímpia como autômato, uma vida construída junto de Clara. Nas três ocasiões onde se configura um conflito de impossibilidade, estão, na narrativa, acompanhadas de Coppelius, Coppola e por último o Coppola como sendo na verdade Coppelius, o velho advogado.

Sua segunda hipótese recai sobre a perspectiva do duplo. No que tange este fenômeno, uma representação seria parte inerente da outra, ou seja, uma única figura. O duplo, segundo Mango (2013), estaria associado ao movimento de repetição e ao reconhecimento do outro e de si, a exemplo, o estranhamento com a própria imagem refletida no espelho. Portanto, o estranho estaria, também, situado num plano onde “a

¹ MANGO (2013) no texto “Com Hoffmann: no país da “inquietante estranheza” propõem o conceito de “inquietante estranheza” cunhado originalmente por Marie Bonaparte em substituição ao conceito de estranho. Essa troca está pautada na concepção de que nem toda estranheza produziria o sentimento de inquietude, porém, para mantermo-nos em consonância com o texto freudiano e da própria literatura fantástica, optamos por não trabalhar com o conceito de inquietante estranheza.

qualidade de estranheza só pode advir do fato de o ‘duplo’ ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado (...)” (FREUD, 1996, p. 254).

Porém, ao haver-se com o estranho, as atribuições de características recaem num animismo ou misticismo como “força divina”, “destino”, “sorte”, crenças fundadas em religiões ou folclore, Freud chega a concluir que o estranho, oriundo de complexos recalçados, seria a tese mais fortemente sustentável uma vez que seriam essas explicações elaborações de sentido para com um sentimento de estranheza (FREUD, 1996). Não obstante, é preciso, seguindo o próprio Freud, considerarmos relevante uma maior aproximação da análise literária, já que se faz necessário entendermos de que forma a noção de estranho é incorporada na narrativa fantástica e assim entendermos por que:

“O estranho, tal como é descrito na literatura, em histórias e criações fictícias, merece na verdade uma exposição em separado. Acima de tudo, é um ramo muito mais fértil do que o estranho na vida real, pois contém a totalidade deste último e algo mais além disso, algo que não pode ser encontrado na vida real.” (FREUD, 1996, p. BUSCAR).

Logo, a narrativa fantástica enquanto gênero literário apresenta-se como um importante dispositivo para a demarcação de nossos objetivos, a saber, entender a articulação entre literatura fantástica e a angústia.

SEGUNDO ATO: LITERATURA FANTÁSTICA E PSICANÁLISE

Freud (1996) aponta para uma aproximação preponderante entre a narrativa fantástica e o caráter clínico do fenômeno do estranho. Esse traço de similitude é reafirmado posteriormente por Lacan uma vez que, ao reintroduzir o tema no debate psicanalítico a partir de uma releitura, o estranho é redefinido enquanto manifestação do fenômeno da angústia.

Com isto posto, será necessário atentarmos para a literatura fantástica e características próprias a ela, como sua definição, que consiste em uma obra ficcional que

trata de elementos irrealis, não reconhecidos na ordem da realidade (TODOROV, 2008), sendo este um gênero literário que se encontra organizado em no mínimo quatro definições conceituais, os quais são o *estranho puro* que pode ser explicado pelas leis da razão, o *fantástico estranho* que estão fundados sob compreensões sobrenaturais sem explicação racional; o *fantástico maravilhoso* que são narrativas onde há a aceitação do estranho enquanto sobrenatural e o *maravilhoso puro* onde tais fenômenos são compreendidos como sobrenaturais que não provocam reação no leitor.

O que essas definições possuem em comum é precisamente a legitimidade do caráter real do objeto, já que no fantástico existe uma dubiedade quanto ao elemento que surge na narrativa, desse modo, colocando o leitor a questionar se o elemento faz parte ou não da realidade, isso se dá porque um ser (diabo, fada, gênio, inseto) aparece enquanto descontinuidade da narrativa.

Essa descontinuidade ou o rompimento da racionalização dos eventos nas obras fantásticas, em seu caráter narrativo/literário, é o que localiza uma obra fantástica: na narrativa a realidade está em conformidade com a que concebemos no mundo real, mas em algum momento algo escapa à essa organização, algo desestabiliza a realidade trazendo à tona um elemento irreal, obrigando o personagem a tomar dois tipos de atitude, ou acredita ser uma ilusão ou considera o fenômeno oriundo de uma outra ordem (divina, mágica, por exemplo), “o fantástico ocupa o tempo dessa incerteza; assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso” (TODOROV, 2006, p. 148).

Essa incerteza é o que produz uma identificação do leitor com o personagem. Na literatura fantástica o leitor é integrado ao mundo onde o fenômeno do estranho produz a hesitação e a incerteza dos acontecimentos apresentados na narrativa, essa aproximação é essencial na experiência do estranho² pois ela é que dirá do efeito de inquietude produzido pela obra.

² Todorov (2006) irá classificar dois tipos do fenômeno estranho, o estranho puro que seriam todos os fenômenos que podem ser explicados pelas leis da razão, mas que não perdem sua característica de incrível, chocante, inquietante, singular. Teremos o segundo tipo, o fantástico estranho nessa sub-categoria o estranho irá recebendo uma explicação racional ao longo da história. O caráter estranho se justifica quando o leitor e o personagem são levados a creditar ao fenômeno uma qualidade sobrenatural.

A querela do real ou não na literatura fantástica é posta em xeque já que ela nos põe ao exercício do espírito, pois “as coisas são, na verdade, mais complexas: mercê à vacilação que produz, a literatura fantástica põe precisamente em julgamento a existência de uma oposição irreduzível entre o real e o irreal” (TODOROV, 2008, p. 87). Essa afirmativa deriva da ideia de que a função social e literária do sobrenatural (leia-se fenômeno do estranho) solapam as bases da lei, um movimento transgressor que mina com as referências pré-estabelecidas e, como afirma Todorov (2008) é nesse ponto que o estranho se justifica.

O estranho ao transgredir as leis³ daquilo que é delimitado enquanto realidade, mostrando o caráter precário desse conceito, aproxima-se de nossa compreensão sobre a mesma e encontra seu suporte aqui: de que ela é organizada a partir de um conjunto de representações fantasmaticamente orientadas.

Ora, se é possível tomar de empréstimo a literatura como ponto de análise no ou do campo da clínica, é justamente por considerarmos que há uma relação de homologia entre a narrativa fantástica e o fantasma em psicanálise. Tal homologia parte primeiro da compreensão de que a fantasia seria uma defesa contra a castração, tese articulada por Freud já no *O Estranho*. Segundo, porque o fantasma seria o mediador entre o sujeito e o Outro, entre o desejo e o objeto, seria a dimensão subjetiva que dá qualidade aos objetos, portanto, “o desejo, tanto na clínica psicanalítica como na vida de cada um, é inacessível se não o aborda em seu apoio fantasmático” (EIDELSZTEIN, 2011, p. 64). Em outras palavras, o desejo só se vincula aos objetos de satisfação pela via do fantasma, de outro modo, sem esse elemento articulador “o desejo opera como ‘desejo puro’, e, assim, só é uma pura falta mortificante que não causa nenhum ato” (EIDELSZTEIN, 2011, p. 64). É na medida em que o sujeito se articula a um objeto de desejo que se é possível construir uma narrativa sobre seu sofrimento, atribuir um sentido, construir uma lógica transmissível no campo do discurso⁴. Se a fantasia tem estrutura de ficção, será porque, aqui, toda ficção é uma fantasia bem estruturada.

³ O fenômeno do estranho é percebido como dado clínico nos delírios de dissolução da unidade do corpo na esquizofrenia.

⁴ Sobre esse tema indicamos LACAN, J. **O mito individual do neurótico**. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2008.

Porém, a função do fantasma não é da ordem do inabalável e a respeito dessa não “onipotência” que Lacan utilizará do fenômeno do estranho ao referir-se sobre a angústia enquanto perturbação da relação imaginária.

TERCEIRO ATO: SOBRE A ANGÚSTIA

Afim de chegarmos a uma elaboração acerca da importância da literatura fantástica e o estranho no que se refere à angústia, nos é fundamental tratar dos registros Real, Simbólico e Imaginário já que sem eles “não é possível compreender a técnica e a experiência freudianas” (LACAN, 1986, p. 89) uma vez que são “os registros essenciais da realidade humana” (LACAN 2005b, p. 12). Portanto, a partir dessas instâncias será possível referenciar toda uma série de dados acerca de um sujeito. Isto posto, o registro do Real não se confundiria com o real de realidade, mas sim que ele representa aquilo que é impensável, aquilo que escapa do sentido (LACAN, 2017).

O Simbólico seria o que chamamos de cultura ou linguagem, uma espécie de conjuntos de coordenadas que possibilita o sujeito a construir sentidos para o mundo, já o Imaginário seria tudo aquilo da ordem da representação virtual das coisas, das relações pessoais e coletivas, dos objetos, de como me percebo e percebo os outros.

De uma outra forma, a relação entre o texto literário e a psicanálise se define em termos de homologia, onde essa relação caracteriza-se, primeiramente que no registro Imaginário configura-se as relações existente entre personagem e leitor; o conteúdo Simbólico como aquilo que rege as regras formais e o Real enquanto ponto de estranhamento e modificação da narrativa.

Ao propor a tese de que a angústia seria um afeto produto da perturbação do imaginário, uma ruptura do ordenamento fantasmático do sujeito Lacan (2005) dirá que algo que escapa da significação. Essa impossibilidade na construção de um sentido para certa experiência. Essa ruptura seria provocada por um objeto “que surge como inquietude e estranhamento em relação à mesmidade” (DUNKER, 2015, p. 53).

Se o fantasma opera produzindo uma uniformidade da realidade e no consequente acesso aos objetos, assim, possibilitando extrair alguma satisfação das coisas

do mundo uma outra função exercida pelo fantasma seria a de proteger o sujeito da angústia (LACAN, 2005) dando sentido e possibilitando a construção de uma narrativa sobre um fato, uma experiência de vida.

Essa reflexão baseia-se, de fundo, no próprio conceito de inconsciente: se meus desejos são fruto de representações inconscientes recalçadas, então, os objetos dos quais extraio satisfação, dos quais invisto pulsionalmente, não são da ordem objetiva, mas sim virtual. De acordo com (SAFATLE, 2006) é no limite da experiência do sentido que o estranho aponta para seu caráter essencial: as relações do sujeito com os efeitos de conhecimento (empírico, intuitivo) que são, por esse fenômeno, postos em cheque. É justamente disso que Lacan fala ao trazer a angústia.

O surgimento desse estranho faz vacilar aquilo que “naturalmente” estaria em ordenação pelo imaginário. Trazendo a literatura para esse contexto, *O Homem de Areia* nos traz muito bem representado esse efeito de descontinuidade, esse abalo na suposta “natureza” das coisas, por isso, como aponta Safouan (2008), seria essa a via por onde Lacan ancora a tese na qual a angústia manifesta-se quando a significação é substituída por uma outra coisa, esta outra coisa será um objeto cujo seu estatuto só pode ser apreendido no campo da experiência com o Real. Esse objeto, o qual Lacan diferenciaria dos quais temos acesso através da fantasia, é formulado como *objeto a*: nunca alcançado, aquele que não passa pelo registro simbólico, que não é significado. Esse objeto é formulado por Lacan ao relacioná-lo ao fenômeno do estranho, pois “é o surgimento do *heimlich* no quadro que representa o fenômeno da angústia, e é por isso que constitui um erro dizer que a angústia é sem objeto” (LACAN, p. 87). Em vista disso, o objeto na angústia não possui imagem especular, ou seja, não possui estatuto de imaginário. Quando um objeto não é significado, quando a função simbólica tropeça, um estranho, algo da ordem da não significação emerge, algo não familiar, que produz uma descontinuidade homóloga a do estranho na literatura fantástica, desse modo Lacan (2005) afirma:

(...) a angústia, como lhes disse, está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar (- ϕ). O que nos assegura isso é um fenômeno do qual se pode dizer que foi por lhe termos dedicado muito pouca atenção que não chegamos a uma formulação satisfatória, unitária, de todas as funções da angústia no campo de nossa experiência. Esse fenômeno é o da *Unheimlichkeit*.” (LACAN, 2005, p. 57).

Afora Lacan evidenciar que a função da angústia ainda não está claramente definida na experiência analítica, a literatura parece mostrar-se mais propensa a abrir caminhos para uma reflexão pertinente a esse respeito. Dado que, é justamente pela característica de o *objeto a* não possuir imagem especular, ou seja, não possuir uma representação que a narrativa fantástica marca sua função tanto nos textos freudiano tanto quanto no lacaniano, a saber: representar aquilo que na vida real não pode ser representado.

O objeto estranho na narrativa fantástica exerce a mesma função do *objeto a* na fantasia, produzindo uma ruptura na racionalização dos eventos, reposicionando o sujeito de um lugar uniforme e estável para uma posição instável de inquietude e angústia, demarcando um ponto de limite na relação do sujeito com o mundo e com seu próprio desejo. Desse modo, podemos afirmar que a literatura fantástica contribui para pensarmos o fenômeno da angústia e que, para além disto, também nos propicia representar o mundo, nos possibilita a criação do novo, do não imaginado, do irreal mais cotidianamente presente na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ÚLTIMO ATO?

Por concluir aquilo que sempre permanecerá em aberto, acreditamos poder contribuir não somente para as questões, de alguma forma, referentes à clínica, quanto para a literatura fantástica em seu aspecto estético e reivindicando sua função social. Pois, o fato de a angústia ser considerada o motor da clínica nos traz a importância da literatura (em nosso contexto) e mais especificamente da literatura fantástica para o campo dos fenômenos clínicos.

Que o texto tenha tido ou não pretensões de formular uma ode à arte e à literatura, isso fica a cargo dos olhos do leitor, o que nos propusemos, em especial, foi o de demonstrar que a vida transpassada de escrita, linguagem outra, exprime aquilo que verbalmente tocaria no ponto do inefável.

Dessa forma, a narrativa enquanto atribuição de significado a uma cadeia de fatos equivale-se as formas de sofrimento pois, a construção de um delírio, por exemplo, configura-se como uma resposta a algo, uma tentativa de dar significado há algo. Visto que por essa via é possível afirmar que as formas de sofrimento são equivalentes às formas narrativas já que elas produzem um reconhecimento social do sofrimento o que nos dá suporte para refletirmos sobre uma diagnóstica fundada naquilo entendemos como cura pela palavra. É o que caracteriza o relato de alguém sobre seu mal-estar: são narrativas produzidas pelo sujeito para haver-se com seu sofrimento. Assim, compreendendo que o diagnóstico em psicanálise passa essencialmente pelo discurso, uma possível pesquisa sobre literatura, angústia e psicanálise fosse pensar as narrativas do sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. Boitempo. São Paulo, 2015.

EIDELSZTEIN, A. **Las estructuras clínicas a partir de Lacan vol. II: neuroses, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones**. 2º Ed. Letra Viva. Buenos Aires, 2011.

FREUD, S. **O estranho**. In: **Edição Standard, vol. XVII**. Trad. Eudoro Augusto Macieira de Souza. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1996.

HOFFMANN, E. T. A. **O homem da areia**. In: HOFFMANN, E. T. A. **O castelo mal-assombrado**. Trad. Ary Quintella. Ed. Global. São Paulo, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Trad. Betty Milan. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 1986.

_____. **O seminário, livro 10: a angústia**. Trad. Vera Ribeiro. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Nomes-do-pai**. Trad. André Telles. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **O seminário, livro 22: R.S.I.** Tradução não oficial. Lacan em PDF. Disponível em: < <http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/03/o-seminario-22-rsi-jacques-lacan.html> <. Acessado dia 20/08/2017.

MANGO, E. G. **Com Hoffmann: no país da “inquietante estranheza”**. In: MANGO, E. G; PONTALIS, J.-B. **Freud com os escritores**. Trad. André Telles. 1º ed. Editora Três Estrelas. São Paulo, 2013.

SAFOUAN, M. **Angustia, sintoma, inhibicion**. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1988.

_____. **Lacaniana: los seminários de Jacques Lacan (1953-1963)**. 1º Ed. 2º reimpr. Paidós. Buenos Aires, 2008.

SAFATLE, V. **A teoria das pulsões como ontologia negativa**. In: Discurso: revista do departamento de filosofia da USP, n. 36. ISSN 0103-328X. Editora Alameda. São Paulo, 2006.

TODOROV, I. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correia Castello. Perspectiva. São Paulo, 2008.

_____. **As estruturas narrativas**. 2º reimpr. 5º. Ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. Perspectiva. São Paulo, 2008.